

Milton Nascimento - Guardanapo de Papel

tom: D

Na minha cidade tem poetas, poetas
 Que chegam sem tambores nem trombetas, trombetas
 E sempre aparecem quando menos aguardados, guardados, guardados
 Entre livros e sapatos, em baús empoeirados

Saem de recônditos lugares, nos ares, nos ares
 Onde vivem com seus pares, seus pares, seus pares
 E convivem com fantasmas multicores de cores, de cores
 Que te pintam as olheiras e te pedem que não chores

Suas ilusões são repartidas, partidas, partidas
 Entre mortos e feridas, feridas, feridas
 Mas resistem com palavras, confundidas, fundidas, fundidas
 Ao seu triste passo lento pelas ruas e avenidas

[Refrão]

Não desejam glórias nem medalhas, medalhas, medalhas
 Se contentam com migalhas, migalhas, migalhas
 De canções e brincadeiras com seus versos, dispersos, dispersos
 Obcecados pela busca de tesouros submersos

Fazem quatrocentos mil projetos, projetos, projetos
 Que jamais são alcançados, cansados, cansados
 Nada disso importa enquanto eles escrevem, escrevem, escrevem
 O que sabem que não sabem e o que dizem que não devem

Andam pelas ruas os poetas, poetas, poetas
 Como se fossem cometas, cometas, cometas
 Num estranho céu de estrelas idiotas e outras e outras
 Cujo brilho sem barulho, veste suas caudas tortas

Na minha cidade tem canetas, canetas, canetas
 Esvaindo-se em milhares, milhares, milhares
 De palavras retrocedendo-se confusas, confusas, confusas
 Em delgados guardanapos, feito moscas inconclusas

Andam pelas ruas escrevendo e vendo e vendo
 Que eles vêem nos vão dizendo, dizendo e sendo
 Eles poetas de verdade, enquanto espiam e piram e piram
 Não se cansam de falar do que eles juram que não viram
 Olham para o céu esses poetas, poetas, poetas
 Como se fossem lunetas, lunetas, lunáticas
 Lançadas ao espaço e ao mundo inteiro, inteiro, inteiro
 Fosse vendo pra depois, voltar pro Rio de Janeiro

Acordes

